

*Prof. Dr. Luciano Nakabashi**Leonardo Assahide**Luiza dos Santos Cubo Iglesias*

Na Figura 1, percebe-se a perda de dinamismo na criação de empregos no Brasil, no período 2009-2013 (saldo). No acumulado de cada ano vem ocorrendo uma redução na criação líquida de empregos desde 2010, acompanhando, em certa medida, a taxa de crescimento do PIB.

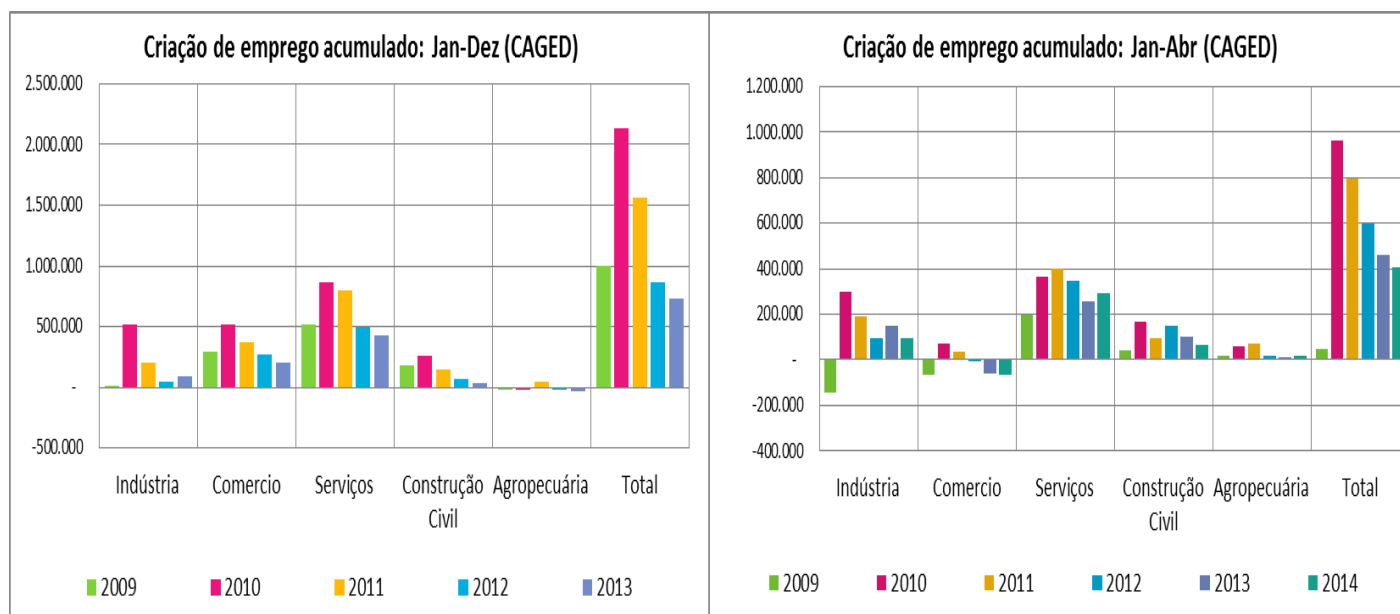
Comércio, Serviços e construção civil apresentaram tendências semelhantes ao agregado. A exceção foi a indústria que apresentou criação líquida de emprego maior em 2013 em relação a 2012. A agropecuária, de uma forma geral, vem apresentando uma destruição líquida de empregos no período analisado.

Analisando o acumulado dos quatro primeiros meses de cada ano, com as evoluções apresentadas do lado direito da

Figura 1, nota-se que o primeiro quadrimestre de 2014 também apresentou desempenho mais fraco do que dos anos anteriores, com exceção de 2009, ano em que a economia brasileira apresentou recessão, com crescimento negativo de 0,33% (IBGE/SCN).

Comparando com os quatro primeiros meses de 2013, o primeiro quadrimestre de 2014 apresentou um desempenho pior na indústria, comércio e construção civil. Com a inflação perto do teto da meta e uma política de elevação dos juros como reação, o restante do ano não deve apresentar recuperação, o que indica que 2014 apresenta tendência ainda mais fraca em relação a 2013 em termos de geração líquida de emprego.

Figura 1 – Saldo de criação de empregos no acumulado do ano e no acumulado dos 4 primeiros meses do ano



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Caged



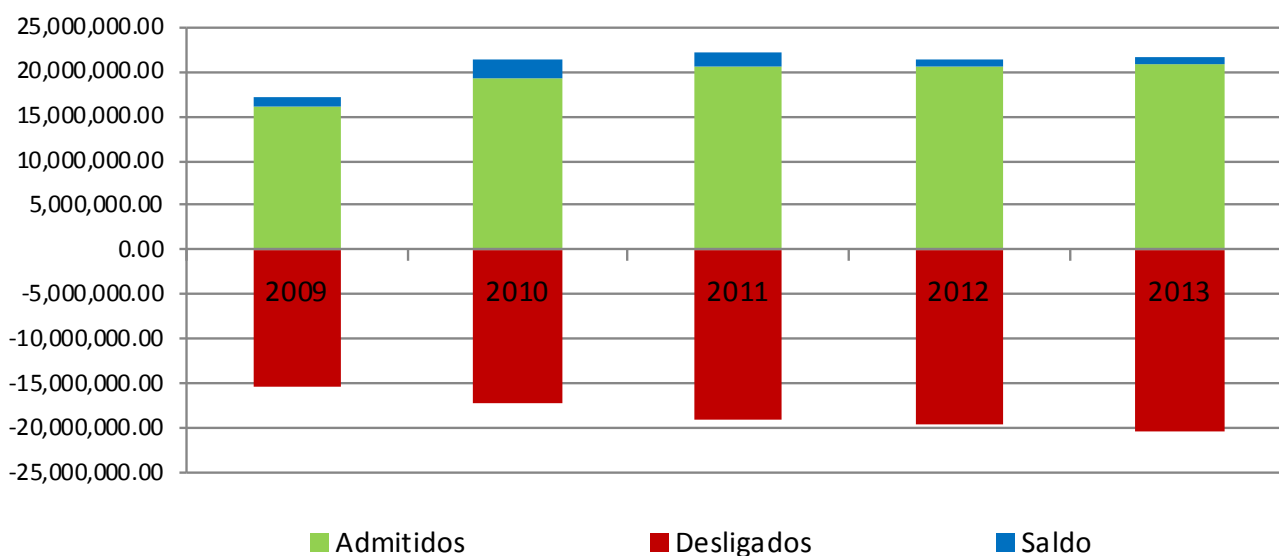
*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Leonardo Assahide
Luiza dos Santos Cubo Iglesias*

A partir da situação econômica de baixo desemprego com fraco desempenho econômico, situação atípica quando se analisa os ciclos econômicos, alguns analistas argumentaram que as empresas não estavam demitindo a espera de uma melhora na economia, pois os custos de se demitir e contratar novamente, no período de recuperação, seriam elevados.

No entanto, essa hipótese não se sustenta ao se analisar

os dados apresentados na Figura 2. Nesta, percebe-se que vem ocorrendo uma elevação contínua no número de processos de desligamentos desde 2009. Pode-se argumentar que os trabalhadores vêm pedindo demissão devido a novas oportunidades de trabalho; hipótese difícil de ser sustentada quando se olha para o saldo líquido de criação de empregos decrescente e o fraco desempenho da economia após 2010.

Figura 2 – Número de desligamentos, admissões e saldo



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Caged.

Então, o que explica o que explica a redução da taxa de desemprego mesmo com o fraco desempenho da economia brasileira?

Considerando um período de tempo mais longo na Figura 3¹, notamos uma queda na taxa de desemprego e uma elevação

na taxa de ocupação de forma consistente a partir de 2003, que são os dois lados da mesma moeda por somarem 100%. A exceção foi 2009 pelos efeitos da crise internacional na economia brasileira, mas depois de 2009 a taxa de desemprego retoma a trajetória de queda.

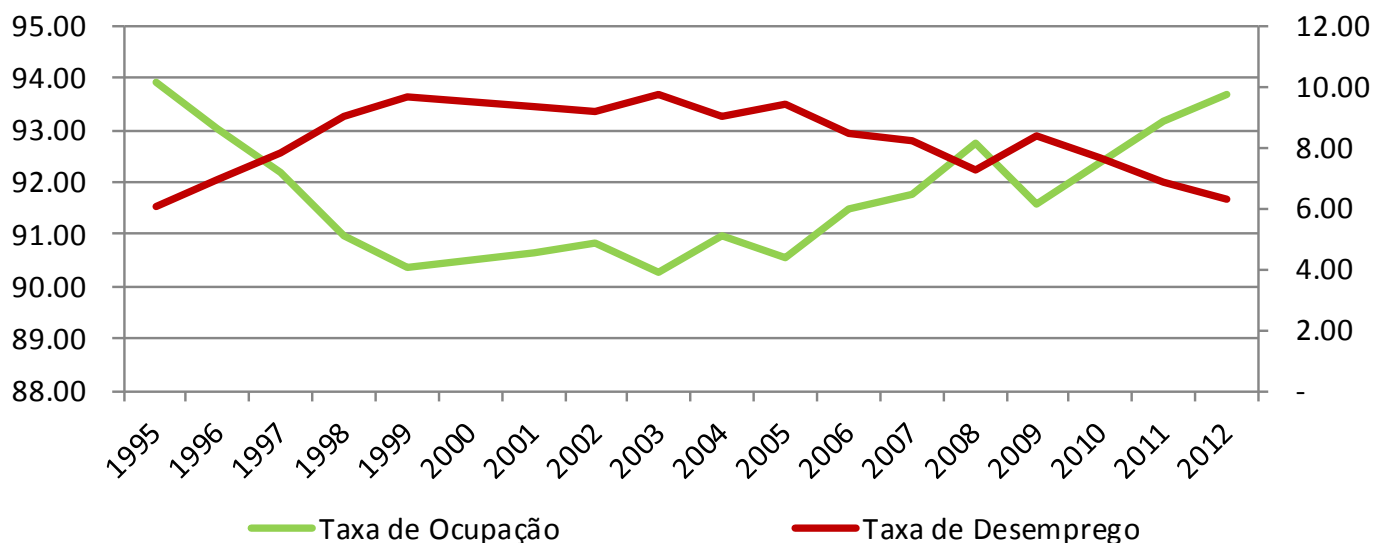
¹A população considerada é de 10 anos ou mais. A análise vai até 2012 porque os dados da PNAD com a mesma metodologia estão disponíveis até esse ano.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Leonardo Assahide

Luiza dos Santos Cubo Iglesias

Figura 3 – Evolução das taxas de ocupação e desemprego: 1995-2012

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Caged.

No entanto, a redução na taxa de desemprego só foi possível pela redução na taxa de participação, ou seja, na relação entre as pessoas que estão no mercado de trabalho (empregados ou procurando emprego, ou seja, população economicamente ativa) sobre o total de pessoas em idade de trabalhar (população em idade ativa), como podemos ver na Figura 4.

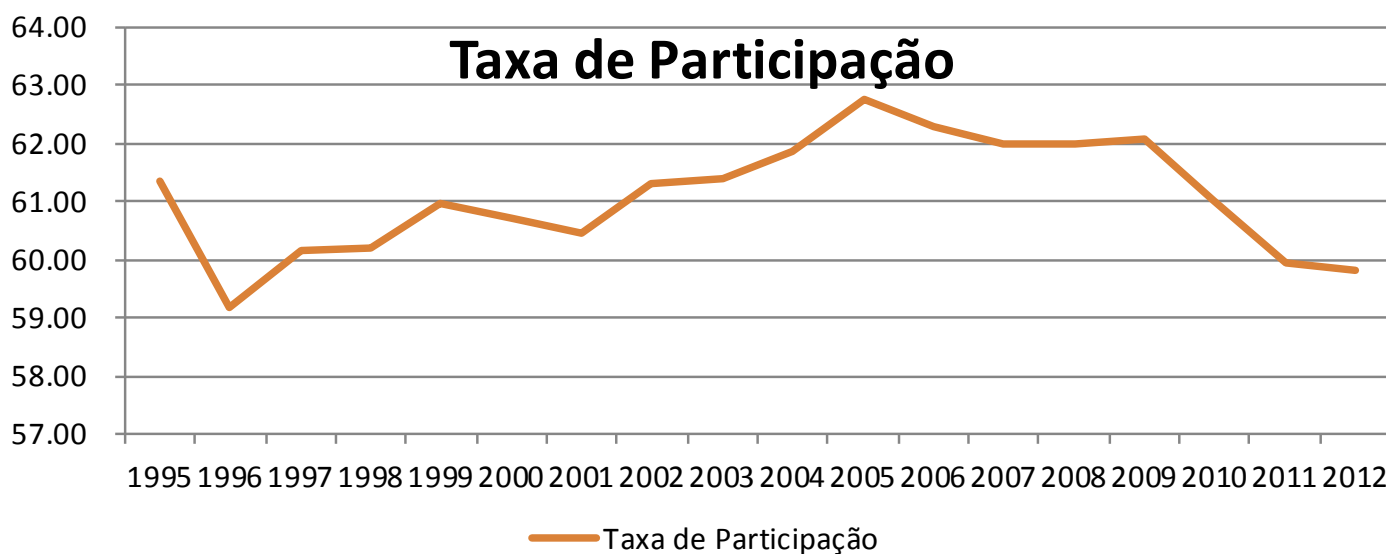
No período, a taxa de desemprego passou de 6,09%, em 1995, para 6,32%, em 2012. Considerando 2003, ela caiu de 9,72% para 6,32%, ou seja, consideráveis 3,4 pontos percentuais. De 2009, a queda foi de 8,41% para 6,32%. No entanto, se a taxa de

participação tivesse se mantido constante de 2009 até 2012 (era de 62,07%, em 2009, passando para 59,83%, em 2012), a taxa de desemprego estaria em 8,56%, em 2012. Dessa forma, ela teria aumentando ligeiramente a partir de um ano de elevada taxa de desemprego devido aos efeitos da crise internacional, conforme destacado anteriormente. Considerando a taxa de participação e a taxa de desemprego de 2008, o ano pré-crise no Brasil, a taxa de desemprego teria passado de 7,24% para 8,46%, o que corresponde a uma elevação de 16,80%!



*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Leonardo Assahide
Luiza dos Santos Cubo Iglesias*

Figura 4 – Evolução das taxa de participação: 1995-2012



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNAD.

Desse modo, o país só não presenciou uma elevação na taxa de desemprego, a partir de 2008, porque ocorreu uma queda na taxa de participação. Destaca-se que olhar apenas para a taxa de desemprego é enganoso e pode levar a conclusões equivocadas como afirmações de que a taxa de desemprego atual é a de pleno

emprego. Se as condições do mercado de trabalho melhorarem, é bem provável que ocorra uma elevação na taxa de participação, podendo-se presenciar uma elevação na taxa de desemprego mesmo com aumento na criação líquida de empregos.